

DECOLONIALIDADE DA NATUREZA: PARA UM OLHAR NÍTIDO COMO UM GIRASSOL

Angela Maria GUIDA*
Gleidson André Pereira de MELO**

- **RESUMO:** O meio ambiente é apresentado na literatura, quer seja representado pelo ideal imaginário da poética engendrada nas relações indissociáveis do homem com a natureza, quer seja através das relações com acontecimentos reais que vão além do estético ficcional. O presente artigo apresenta uma reflexão na perspectiva do pensamento ecocrítico no conto “A princesa russa”, do livro *Cada homem é uma raça* do escritor moçambicano Mia Couto. A partir da análise de excertos representativos, o estudo foi conduzido por meio da reflexão ecocrítica, a fim de destacar questões ambientais. A análise oferece uma percepção relacionada aos problemas decorrentes da pressão sobre o meio ambiente e do racismo ambiental oriundos da exploração humana e dos recursos naturais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e meio ambiente. Racismo ambiental. Moçambique. Mia Couto.

Meu olhar é nítido como um girassol [...]

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, mas porque a amo, e amo-a por isso [...]

(Alberto Caeiro)

(PESSOA, 2005, p. ii)

A terra não pertence ao homem, mas é o homem que pertence à terra (Cacique Seattle, 1854/55).

Pensamento ecológico – Toda manhã eu tento entender a linguagem da natureza: ‘As pedras falam, e eu me calo’. Gosto de escrever isso, a que eu chamo de ‘pensamento ecológico’, em oposição ao pensamento cartesiano (**Ponto de mutação, 1991**).

* UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Campo Grande – MS – Brasil – 79070-900 – angelaguida.ufms@gmail.com.

** UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Campo Grande – MS – Brasil – 79070-900 – gandmelo@gmail.com.

Introdução

Em meados do século XIX (1854/55)¹, um chefe do povo *Suquamish*, dos Estados Unidos, onde atualmente se encontra Washington, escreveu uma carta que se tornou um verdadeiro manifesto para quem acredita (e nós acreditamos) que não é possível pensar a natureza separada do ser humano.

Assim teria dito/escrito o cacique Seattle:

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar, animais, árvores, homens. [...]

O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo. (CACIQUE SEATTLE, 1854/55)

Em fins do século XX, o filme *O ponto de mutação* (1991), dirigido por Bernt Capra e inspirado no filme homônimo de Fritjof Capra, traz igualmente significativa reflexão acerca da integração homem-natureza e se dá como um eco do que o cacique disse há mais de um século. Três pessoas: um político, um poeta e uma cientista discutem várias questões, sendo a mais relevante a teoria dos sistemas, que acredita na interligação de tudo no nosso planeta. O ponto alto do filme de Bernt Capra é possibilitar ao telespectador e à telespectadora que ampliem sua percepção sobre as conexões que ligam os elementos no mundo em que habitamos, ou seja, uma teia da vida que envolve indistintamente todos os seres, que humanos ou não.

Um cartesiano olharia para uma árvore e a dissecaria, mas aí ele jamais entenderia a natureza da árvore. Um pensador de sistemas veria as trocas sazonais entre a árvore e a terra, entre a terra e o céu. Ele veria o ciclo anual que é como uma gigantesca respiração que a Terra realiza com suas florestas, dando-nos o oxigênio. O sopro da vida, ligando a Terra ao céu e nós ao Universo. Um pensador de sistemas veria a vida da árvore somente em relação à vida de toda floresta. Ele veria a árvore como o habitat de pássaros, o lar de insetos. Já se vocês, políticos, tentarem entender a árvore como algo isolado, ficariam intrigados com os milhões de frutos que produz na vida, pois só uma ou duas árvores resultarão deles. Mas se vocês virem a árvore como um membro de um sistema vivo maior, tal abundância de frutos fará sentido, pois centenas de animais e aves sobreviverão graças a eles.

Interdependência - a árvore também não sobrevive sozinha. Para tirar água do solo, ela precisa dos fungos que crescem na raiz. O fungo precisa da raiz e a

¹ Não há consenso com relação à data nem à existência desta carta ou até mesmo do referido cacique, entretanto ela vem sendo lida, relida e citada mundialmente, sempre que se quer fazer com que as pessoas reflitam como é estar no mundo em harmonia com os outros seres viventes.

raiz do fungo. Se um morrer, o outro morre também. Há milhões de relações como esta no mundo, cada uma envolvendo uma interdependência. (PONTO DE MUTAÇÃO, 1991)

Recentemente, em Minas Gerais, aconteceram dois grandes acidentes ambientais que causaram grande comoção: a queda das barragens de Mariana e de Brumadinho. Em 1984, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1984), em *O Cometa Itabirano*, um jornal de Itabira, sua terra natal, onde há “noventa por cento de ferro nas calçadas e oitenta por cento de ferro nas almas” (ANDRADE, 1988, p. 272), já via a mineradora Vale do Rio Doce com mau agouro.

“Lira itabirana” se dá como um verdadeiro vaticínio poético diante das barbáries ambientais cuja responsabilidade se atribuiu à mineradora que tornou Itabira mais triste, mais cinzenta, mais “de ferro”.

Lira Itabirana

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga [...]

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?
(ANDRADE, 1984)

Desde outrora, a literatura carrega consigo a capacidade de enxergar além. Muito antes do movimento em prol da sustentabilidade que hoje corre o mundo e torna celebridade uma jovem de dezesseis anos que, em vez de ir para o colégio, ia para a frente do parlamento sueco, a fim de alertar o mundo quanto aos problemas climáticos, anteriormente às renomadas e acaloradas conferências em Davos e Porto Alegre ou da Eco-92, do Rio+ 20 ou da Declaração de Joanesburgo, entre tantos outros movimentos em prol da sustentabilidade do planeta Terra e até de certos modismos, a literatura já doava como uma grande aliada da natureza.

As obras de Guimarães Rosa, por exemplo, são uma ode à natureza e arriscaríamos até dizer que a natureza roseana é personagem de sua escrita. Afinal, “o sertão está em toda parte” (ROSA, p. 9), ou, o poeta “aparelhado para gostar de passarinhos” (BARROS, 2003, p. IX). Na esteira desse pensamento, Manoel de Barros (2008, p. XIV) diz que “as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes”, bem como Clarice Lispector (1984), ao se emocionar com uma

baleia que agonizava encalhada em uma praia carioca, refleti sobre o nosso lugar na natureza.

Dos muitos estudos com enfoque na decolonialidade, também tem se pensado que a natureza, ao longo dos tempos, passa por acentuado processo de colonialidade, sobretudo quando se olha para ela como apenas um espaço do qual se pode extrair algum bem material. Essa história do homem ter domínio sobre a natureza vem de longe. Em vista disso, o domínio do homem sobre a natureza é apresentado no livro de Gênesis 1:26: “e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 7). Na perspectiva do capitalismo, como bem assinala Catherine Walsh (2008, p. 16-17), a colonialidade da natureza acontece quando há a separação entre homem e natureza e prevalece o capital:

La separación cartesiana cultura/naturaleza descarta enteramente la relación milenaria entre los seres humanos y los no humanos, los mundos espirituales y ancestrales, negando incluso la premisa de que los humanos somos parte de la naturaleza, estableciendo el dominio sobre las racionalidades culturales e intentando eliminar y controlar los modos de vida, los sentidos, los significados y las comprensiones de la vida².

A essa forma de controle, de dominação e de completo desrespeito à diversidade e à biodiversidade, em certa medida, podemos chamar de **monoculturas da mente**. Vandana Shiva (2003), importante nome na luta por uma cultura sustentável e heterogênea, argumenta que a principal ameaça à vida é o hábito humano de pensar em “termos de monoculturas”, ou seja, de forma única e hegemônica. As monoculturas da mente fazem com que a diversidade desapareça de nossa percepção e do mundo, levando, por conseguinte, à construção de um discurso ideológico dominante que se sustenta num falso esgotamento de alternativas.

Com que frequência, nos tempos de hoje, o extermínio completo de natureza, tecnologia e comunidades e até de uma civilização inteira não é justificado pela “falta de alternativas”? As alternativas existem, sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções. (SHIVA, 2003, p. 15)

² “A separação cartesiana de cultura/natureza descarta completamente a relação milenar entre seres humanos e não-humanos, mundos espirituais e ancestrais, negando inclusive a premissa de que os seres humanos fazem parte da natureza, estabelecendo domínio sobre a racionalidade cultural e tentando eliminar e controlar os modos de vida, os sentidos, os significados e os entendimentos da vida” (WALSH, 2008, p. 16-17, tradução nossa).

Literatura, ecocrítica, racismo ambiental e a teia da vida

No pensamento sistêmico, “a natureza é vista como uma teia interconexa de relações, na qual a identificação de padrões específicos como sendo “objetos”, depende do observador humano e do processo de conhecimento” (CAPRA, 1996, p. 38). Nota-se, então, uma relação na qual tudo depende de elos que em conjunto formam complexas redes de unidades conectadas umas às outras, e sua fragilidade de quebra pode se dar no ponto de inflexão mais frágil.

Inserido nessa teia, o homem se coloca como racional, a ponto de se deixar interferir nessa pulsante dinâmica da natureza e de tornar cada vez mais insustentável a vida na Terra. A exploração mineral em áreas de florestas pode provocar desequilíbrio pela supressão da vegetação e pela destruição das camadas do solo, assim como pode influenciar nos ciclos ecológicos. Desse modo, “qualquer dano pode quebrar a integridade desse ciclo harmônico e provocar uma destruição em cadeia” (LEÃO, 2000, p. 119), além de outras questões como a exploração humana como mão de obra barata, análoga ao trabalho escravo.

Reflexão que envolve a complexidade da exploração ambiental, do homem pelo homem e da desvalorização dos recursos naturais, o valor das “coisas” precisa ser repensado, haja vista que as representatividades globais devem estar aptas a reexaminarem fatos concretos das condições atuais de esgotamento da Terra e suas consequências para toda forma de vida.

Envolvida por movimentos de criticidade a respeito das problemáticas ambientais surgiu a ecocrítica, que, conforme Cheryll Glotfelty (1996, p. xviii), “*ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment*”³. Sendo assim, conforme observa Garrard, o “*ecocriticism explores the ways in which we imagine and portray the relationship between humans and the environment in all areas of cultural production [...]*” (GARRARD, 2004, p. ii)⁴. Dentro dessa perspectiva, Terry Gifford (2009, p. 244) apresenta a ecocrítica relacionada aos estudos culturais nos seguintes aspectos:

A ecocrítica enquanto movimento relativamente novo nos estudos culturais, tem estado extraordinariamente livre de crítica teórica interna. Tem havido debates sobre ênfases e lacunas, mas isso não desafiou diretamente as posições de quem originou o movimento. Ao contrário, esses debates apontam para novas direções para a pesquisa em campos variados: ecofeminismo, textos tóxicos⁵, natureza

³ “Ecocrítica é definida como o estudo do relacionamento entre a literatura e o ambiente físico” (GLOTFELTY (1996, p. xviii, tradução nossa).

⁴ “Ecocrítica explora as maneiras pelas quais imaginamos e retratamos a relação entre humanos e meio ambiente em todas as áreas da produção cultural [...]

⁵ “Termo criado que se refere a textos que lidam com assuntos surgidos a partir do lixo tóxico/lixo

urbana, darwinismo, literaturas étnicas, justiça ambiental e ambientes virtuais, por exemplo.

Contudo, vale ressaltar que “a ecocrítica não desenvolveu uma metodologia de trabalho, embora sua ênfase na interdisciplinaridade assuma que as humanidades e as ciências devem dialogar e que seus debates devem ser informados igualmente pela atividade crítica e criativa” (GIFFORD, 2009, p. 244). Contudo, estudos ecocríticos relacionados a obras literárias têm se tornado essenciais, pois evidenciam informações que perpassam diversas questões ambientais. Aliada à reflexão ecocrítica, sobressaem-se os estudos da ecosofia, que, para Félix Guattari (2001, p. 8), são fundamentados entre os três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Aos três registros ecológicos acrescentamos mais um: relações raciais. Por este viés, apresentamos uma das dimensões da questão ambiental, o chamado **racismo ambiental**. Esse termo surgiu em fins da década de 1970, nos Estados Unidos, em virtude de movimentos de negros americanos que se colocaram nas ruas do Condado de Warren, Carolina do Norte, para protestar contra o depósito de lixo tóxico vizinho a suas comunidades. Será que era pura coincidência que boa parte dos aterros desse tipo de lixo se localizava em bairros cujos moradores eram negros? Parece que não. Atribui-se ao pastor afro-americano Benjamin Chavis a autoria do termo racismo ambiental.

Segundo Selene Herculano (2008), o racismo ambiental acontece toda vez que uma maior carga de danos ambientais recai em comunidades raciais marginalizadas e vulnerabilizadas, causando grande degradação ambiental no entorno desses grupos.

O conceito diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas. O racismo ambiental não se configura apenas por meio de ações que tenham uma intenção racista, mas igualmente por meio de ações que tenham impacto racial, não obstante a intenção que lhes tenha dado origem. Diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais – ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc. – que têm se defrontado com a ‘chegada do estranho’, isto é, de grandes empreendimentos desenvolvimentistas – barragens, projetos de monocultura, carcinicultura, maricultura, hidrovias e rodovias – que os expõem de seus territórios e desorganizam suas culturas, seja empurrando-os para as favelas das periferias urbanas, seja forçando-os a conviver com um

nuclear e envenenamentos [nota da tradutora]” (GIFFORD, 2009, p. 258).

cotidiano de envenenamento e degradação de seus ambientes de vida. Se tais populações não-urbanas enfrentam tal chegada do estranho, outras, nas cidades, habitam as zonas de sacrifício, próximas às indústrias poluentes e aos sítios de despejos químicos que, por serem sintéticos, não são metabolizados pela natureza e portanto se acumulam. (HERCULANO, 2008, p. 16)

Um exemplo bastante comum de racismo ambiental ocorreu no continente africano, em meados da década de 1990, culminando no assassinato do líder ogoni Ken Saro-Wiwa⁶, que lutava contra exploração do petróleo na região do Delta do Níger, na Nigéria. Naquele período, ocorreram desastrosos impactos ambientais em terras africanas que comprometeram seriamente o meio ambiente e, por conseguinte, a qualidade de vida das pessoas.

Face ao cenário apresentado, o texto literário intitulado “A princesa russa”, do escritor moçambicano Mia Couto, evidencia uma das peculiaridades do racismo ambiental⁷: a mineração e a degradação ambiental de terras moçambicanas, bem como de seus habitantes marginalizados, visto que as interferências no ambiente natural influenciaram e influenciam a cultura de Moçambique.

O conto “A princesa russa” integra a coletânea de contos *Cada homem é uma raça*, publicado em 1990, período em que Moçambique sofria com uma guerra civil. A narrativa orbita em torno da exploração de minas de ouro na província de Manica, região central de Moçambique, no então período colonial. A respeito das composições ficcionais, assinala-se que

[...] graças às virtualidades imagéticas da criação literária, torna-se-lhe possível dar materialidade e visibilidade àqueles elementos que, doutra forma, seriam intraduzíveis e imperceptíveis a olho nu. Trata-se de elementos sutis, constitutivos da interface oculta entre realidade e imaginação, natureza e cultura. (SCARPELLI, 2007, p. 190)

Nesse contexto, a narrativa do conto em questão se dá pelo personagem Duarte Fortin, encarregado geral dos criados da casa de Iuri e Nádía, que chegaram da Rússia para explorar e comprar as minas de ouro da região. A história é revelada nos momentos de confissões ao padre da vila. Conta Fortin, que vivenciara um sentimento de um impossível relacionamento amoroso com sua senhora, que “diziam era uma princesa lá na terra de onde viera” (COUTO, 2016, p. 78). Nádía

⁶ Sugerimos o documentário Ken Saro-Wiwa presente!, parte da pesquisa de doutorado de Elisa Dassoler, que se encontra nos endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=7laqD-pxqRc> (parte I) <https://www.youtube.com/watch?v=OP3ZaRWR5qA> (parte II)

⁷ Aliás, a vasta obra de Mia Couto, em sua maioria, se dá em constante diálogo com questões ambientais.

era uma mulher que sofria por se sentir abandonada em seu próprio lar. Certo dia fora visitar Fortin em sua cubata⁸ e ficou perplexa com a forma precária de vida dos empregados.

Nesse ambiente ficcional envolto pela problemática ambiental da exploração do ouro, destaca-se a importância da compreensão da inter-relação dos estudos de literatura com o meio ambiente,

[...] commonly called “ecocriticism” or “environmental criticism” in analogy to the more general term literary criticism—comprise an eclectic, pluriform, and cross-disciplinary initiative that aims to explore the environmental dimensions of literature and other creative media in a spirit of environmental concern not limited to any one method or commitment. Ecocriticism begins from the conviction that the arts of imagination and the study thereof—by virtue of their grasp of the power of word, story, and image to reinforce, enliven, and direct environmental concern—can contribute significantly to the understanding of environmental problems: the multiple forms of ecodegradation that afflict planet Earth today (BUELL, 2011, p. 418)⁹.

Sob o mesmo ponto de reflexão, ao despertar a atenção para o cerne da questão ambiental, esta nota antecede o conto “A princesa russa” e apresenta uma citação histórica a respeito das consequências da exploração do ouro na província:

Bastou correr fama que em Manica havia ouro e anunciar-se que para o transportar se construiria uma linha férrea, para logo aparecerem libras, às dezenas de milhar, abrindo lojas, estabelecendo carreiras de navegação a vapor, montando serviços de transportes terrestres, ensaiando indústrias, vendendo aguardente, tentando explorar por mil formas não tanto o ouro, como os próprios exploradores do futuro ouro [...] (Antônio Ennes, Moçambique, Relatório Apresentado a Governo de Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1946, pp. 27-30). (COUTO, 2016, p. 75)¹⁰

⁸ “Pequeno quarto onde eram alojados os empregados domésticos” (COUTO, 2016, p. 196).

⁹ “[...] comumente chamados de “ecocrítica” ou “crítica ambiental”, em analogia com os demais termos gerais da crítica literária, compreendem uma eclética, pluriforme e interdisciplinar iniciativa que possibilita explorar as dimensões ambientais da literatura e de outras mídias criativas com espírito ambiental, não preocupada em se limitar a qualquer método ou compromisso. A ecocrítica se inicia a partir da convicção de que as artes da imaginação e seu estudo, em virtude de seu alcance do poder da palavra, história e imagem para reforçar, animar e direcionar as preocupações com o meio ambiente pode contribuir significativamente para a compreensão dos problemas ambientais: das múltiplas formas de ecodegradação que hoje afetam o planeta Terra” (BUELL *et al.*, 2011, p. 418, tradução nossa).

¹⁰ Os textos citados neste artigo, incluídos no conto “A princesa russa”, mantiveram a grafia vigente

Mia Couto (2016) revela parte do relatório da Agência Geral das Colônias apresentado, em 1946, ao Governo de Lisboa sobre a exploração mineral do ouro em Manica. Ao analisar essa problemática, própria do período colonial em Moçambique, aponta-se que

[...] ao longo do período de dominação portuguesa, poder-se-ia verificar toda sorte de exploração, desmandos e situações que não cumpre pormenorizar, mas que configuram a marca indelével dos colonialismos no inconsciente coletivo de uma nação. Destruição dos recursos da terra com a exploração desmesurada; destruição das culturas dos povos da terra pela imposição de usos, costumes, mentalidade e língua estrangeiras, dados como superiores, a despeito de não atenderem às necessidades reais da vida e cosmovisão no ambiente africano; destruição física – através da escravização, trabalhos forçados, guerrilha – e psíquica dos indivíduos, que se tornam sujeitos deslocados, demonstrando aquela ambiguidade do sujeito dominado que se pode verificar nos colonialismos em qualquer latitude. (CANTARIN, 2012, p. 30)

Indubitavelmente, essas características fazem parte de nações e de povos que ainda vivem nas amarras do domínio do colonizador, uma vez que “de muitas formas, a colonização foi uma *co-invenção*. Ela tanto foi o resultado da violência ocidental, quanto do trabalho de seus auxiliares africanos em busca de lucro” (MBEMBE, 2001, p. 190). Em vista disso, ao se referir à formação da economia colonial, Luís de Brito (2017) destaca como uma das dinâmicas paralelas, no primeiro período, que

[...] desde os finais do século XIX até ao fim da segunda guerra mundial, é caracterizado por duas dinâmicas paralelas: por um lado, a integração de Moçambique na economia capitalista regional cujo centro é a indústria mineira sul-africana (que se desenvolve a partir da segunda metade do século XIX com a descoberta de diamantes e ouro na região do Transvaal), e, por outro, a relação clássica das economias coloniais, que faz de Moçambique fornecedor de matérias primas para as indústrias metropolitanas. (BRITO, 2017, p. 149)

Nesse universo, também “figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de *status* político” (MBEMBE, 2016, p. 131). Portanto, “*one of the central tasks of postcolonial ecocriticism as an emergent field has been to contest – also to provide viable*

na obra *Cada homem é uma raça* (COUTO, 2016, p. 73-92).

alternatives to – western ideologies of development” (HUGGAN; TIFFIN, 2015, p. 29)¹¹.

Nessa reprodução de dominação, destaca-se o racismo ambiental presente em “A princesa russa”, que se evidencia pela exploração da população local, destruição do ambiente natural e promessa de aparente progresso.

A fragilidade das minas de ouro: por uma questão ambiental

Ao longo da história de Moçambique, as reservas minerais despertam interesse e ganância. Nessa trajetória, as ações do homem sobre os recursos naturais se tornam cada vez mais destrutivas e impactantes, tanto no aspecto ambiental, quanto no aspecto social.

Ao nos depararmos com as ações em “o casal chegou por causa do ouro, como os outros todos estrangeiros que vinham desenterrar riquezas deste nosso chão” (COUTO, 2016, p. 78), percebe-se um sentimento de pertencimento à terra e um alerta a respeito da exploração insustentável das minas de ouro da região por mineradores de outros países. Nesse âmbito de exploração dos recursos minerais, João Mosca (2010) apresenta os impactos da mineração do ouro em Moçambique:

Os impactos ambientais da mineração são alarmantes: (1) a fertilidade dos solos degrada-se devido à sua remoção e alteração da estrutura física, da composição morfológica e química, e não são realizadas ações de recuperação; (2) a paisagem altera-se com grandes covas e colinas de terra removida; (3) O mercúrio, utilizado na extracção do ouro, penetra nos solos e nas águas superficiais e subterrâneas, afectando a produção agrícola, a pesca e contaminando a cadeia alimentar com consequências incalculáveis, a longo prazo, sobre a saúde pública e dos cidadãos. Estes aspectos são conhecidos e não existem medidas eficazes e abrangentes que tenham reduzido esses impactos. Existem sinais evidentes de delapidação do património natural e de recursos que as futuras gerações nos emprestaram. Assim como vem acontecendo na exploração de outros recursos naturais, como as florestas, a fauna e a pesca. Está-se perante actividades predadoras e por isso não sustentáveis. (MOSCA, 2010, p. 43)¹²

É importante destacar que “durante a época colonial, as actividades mineiras eram de natureza industrial, proporcionando emprego à população local. Durante

¹¹ “Uma das tarefas centrais da ecocrítica pós-colonial como um campo emergente tem sido o de contestar – também para fornecer alternativas viáveis – ideologias ocidentais de desenvolvimento” (HUGGAN; TIFFIN, 2015, p. 29, tradução nossa).

¹² Os textos citados dos artigos publicados em periódicos de Moçambique mantiveram a ortografia original.

a guerra, grande parte da população refugiou-se em zonas seguras e a produção mineira formal foi interrompida” (DONDEYNE, 2007, p. 1). Após esse período, surgiu a forma artesanal de exploração do ouro, que, por suas características constitui um sério problema ambiental dada às formas tradicionais de coleta do minério com a utilização do mercúrio, principal veículo de contaminação do solo e das águas. Dessa feita, explorações para extração inadequada de minérios e de outros recursos naturais da terra podem causar danos ambientais irreparáveis. Além disso, atividades de mineração de forma descontrolada trazem consequências, não apenas refletidas nos ambientes onde ocorrem a degradação, mas também podem atingir outros locais e outros povos. No Brasil, tivemos um exemplo recente disso quando houve a queda da barragem em Sobradinho. Uma extensão gigantesca do Rio Doce foi afetada, comprometendo a vida de pessoas que moravam bem distante de Sobradinho.

Quanto ao ambiente ficcional, em seu relato, Fortin assinala: “as minas, padre, eram do tamanho de uma poeira, basta um sopro e o quase fica nada” (COUTO, 2016, p. 78). Depreende-se que a exploração dos recursos naturais - associada ao discurso do desenvolvimento - traz componentes que projetam um pseudoprogresso, que se apresenta como fator impulsionador de melhorias de infraestruturas das regiões onde essa atividade se desenvolve e pela qualidade de vida para uma sociedade que vai sendo moldada pelos artificios do capital. Contudo, se desdobra a exploração irracional dos recursos naturais, como consequência seu esgotamento, cercada de impactos negativos provocados pela corrida desenfreada do ouro, como também da exploração humana. Faz-se refletir sobre a questão: qual seria o preço do ouro e da exploração dos recursos naturais? Recorremos a Ailton Krenak (2019, p. 69).

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser.

Percebe-se a fragilidade das minas, denunciada em uma breve menção à questão do esgotamento dos recursos naturais, visto que a falta de resiliência constitui condição quando se trata, principalmente, da extração irregular do ouro e de outros minerais retirados da terra.

Nesta oração: “Manhã cedinho, o patrão despegava para a mina, machamba¹³ do ouro, era assim que chamava” (COUTO, 2016, p. 79), avulta-se a relação de

¹³ Em Moçambique, machamba significa terreno de cultivo agrícola.

exploração inadequada da mina, no sentido de ser uma terra agricultável, que na simplicidade se faz a colheita, quando, na verdade, a questão da exploração mineral não se constitui de simples colheita e vai muito além disso, porque envolve questões sociais, culturais, econômicas e ambientais.

No excerto: “Ela só agora entendia o motivo do patrão não lhe deixar sair, nunca autorizar. É só para eu não ver toda esta miséria, dizia ela” (COUTO, 2016, p. 81), ressalta-se que em meio à exploração dos recursos naturais e do próprio homem moçambicano, a liberdade de ir e vir da princesa russa fora tolhida, pois não era autorizada a sair de casa. Ao buscar o entendimento da situação, ela manifesta o descontentamento das condições humanas vividas pelo povo da região. Denota-se com isso um sentimento de solidariedade quanto às condições de vida da população local, no sentido de viverem na miséria, em consequência da exploração da mão de obra voltada para a retirada do ouro das minas pertencentes aos povos de outras nacionalidades. De alguma forma, a princesa russa é responsável por aquele estado de iserabilidade que tanto a comoveu.

Por questões de dominação sobre o devir do homem da terra, a narrativa se desenvolve e evidencia a exploração humana de forma impiedosa. Neste sentido, mais uma vez se sobressai o racismo ambiental incitado entre os homens locais que vivem em torno da problemática da extração do ouro em Manica:

Pancada ou morte eles não executam, encomendam os outros. Somos nós a mão das suas vontades sujas, nós que temos destino de servir. Eu sempre bati por mando de outros, espalhei porradarias. Só bati gente da minha cor. Agora, olho em volta, não tenho ninguém que eu posso chamar de irmão. (COUTO, 2016, p. 83)

A exploração do homem sobre o homem não deveria ser vista como algo natural. Entretanto, em diferentes sociedades, essa condição condiz com as posições hierárquicas viabilizadas pelo efeito do dominador explorador estrangeiro, levada a efeito por questões ambientais e de interesses econômicos.

A vida humana pode ser desvalorizada, ignorada e interrompida a qualquer preço, motivada pela exploração dos recursos naturais. Assim, com pesar, relata Fortin em sua impotência devido ao desabamento da mina:

Chegámos à mina, fomos dados as pás e começámos a cavar. Os tetos da mina tinham caído, mais outra vez. Debaixo daquela terra que pisávamos estavam homens, alguns já muito mortos, outros a despedirem da vida. As pás subiam e desciam, nervosas. Víamos aparecer braços espetados na areia, pareciam raízes de carne. Havia gritos, confusão de ordens e poeiras. (COUTO, 2016, p. 83-84)

Nas circunstâncias de trabalho forçado dos mineradores, pode-se constatar que a vida passa a não ter significado, nenhum valor. Porquanto, se muitos homens foram mutilados e morreram na mina, por imposição da exploração, eles eram substituídos por outros homens e outro ciclo de exploração se iniciava.

Considerações Finais

Ao considerar o argumento de Vandana Shiva (2003, p. 15), de que sempre há alternativas e opções, questionamos se a literatura e a ecocrítica podem oferecer opções para pensarmos formas de convivência harmoniosa com o meio ambiente. Sem a pretensão de uma resposta salvífica, acreditamos que sim, pois a literatura e a ecocrítica passam por nossa sensibilidade.

Racionalmente, qualquer pessoa pode entender que a degradação ambiental equivale à destruição da espécie humana, mas - ao que parece - essa história de racionalidade precisa ser revista para que realmente o ser humano possa pensar e existir no sentido mais amplo da vida: pensar e existir com sensibilidade e harmonia com os outros seres que conosco habitam este planeta. Afinal, deve ser muito bom ser aparelhado para gostar de passarinhos, e isso nos dá abundância de sermos felizes, como poeticamente dizia Manoel de Barros (2003, p. IX).

“A Princesa russa” incorpora diferentes tipos de sentimentos de ambição, ódio, tristeza, ganância, desgosto, mágoa, discriminação, usura, mas também inclui paixão, piedade e remorso. Todos esses pesares são manifestados em circunstâncias da exploração do ouro que acirra o desrespeito sobre o meio ambiente e principalmente sobre o homem.

O ciclo da mineração apresenta em toda sua história um modo de produção que acentua problemas ambientais e sociais severos, bem como provocam moléstias e conflitos culturais em diversas sociedades. Todavia, os aspectos funestos dessas transformações são insignificadamente combatidos. Em vista disso, a exploração dos recursos naturais tende a prosseguir em diferentes partes do globo, sujeitando a Terra e o próprio homem a seguirem no caminho da destruição.

Torna-se imprescindível o despertar de um senso crítico voltado para questões da ecocrítica, como também das questões ambientais, em especial, o racismo ambiental, destacado pela leitura crítica do conto, mas que, em perspectiva ampla, permeia a obra de Mía Couto. Evidenciaram-se a exploração do homem sobre os recursos naturais e a do homem sobre o homem. Tais mecanismos intensificam a pobreza e se relacionam às questões ambientais, econômicas e socioculturais de regiões que apresentam condições favoráveis à extração de minérios e de outras riquezas da natureza.

Em contraponto, nessa inter-relação de literatura e meio ambiente, vem à tona a importância de lançarmos um olhar diferenciado e crítico que se volta para a compreensão da necessidade de conservação do patrimônio natural, social e

cultural, logo, tal aspecto deve oferecer uma solução plausível e ser a pedra angular para a sustentabilidade ambiental.

GUILDA A. M.; MELO, A. P. de. Decoloniality of nature: for a look as clear as a sunflower. **Itinerários**, Araraquara, n. 51, p. 65-80, 2020.

- **ABSTRACT:** *The environment is presented in the literature, whether represented by the imaginary ideal of poetics engendered in the inseparable relationship of man with nature, or through relations with real events that go beyond fictional aesthetics. This article presents a reflection on the perspective of ecocriticism thinking in the tale 'A Princesa russa', from the book Cada homem é uma raça by the Mozambican writer Mia Couto. From the analysis of representative excerpts, the study was conducted through ecocriticism reflection to highlight environmental issues. The analysis offers a perception related to the problems that arise from the pressure on the environment and environmental racism arising from human exploitation and natural resources.*
- **KEYWORDS:** *Mozambique. Literature and environment. Environmental racism. Mia Couto.*

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Lira itabirana: Carlos Drummond de Andrade, 1984. In: Memórias poéticas de lágrima, lama e luta. **Jornal da Unicamp Edição Web**, Campinas, 16 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/07/16/memorias-poeticas-de-lagrima-lama-e-luta>. Acesso em 14 set. 2020.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a terceira infância**. São Paulo: Planeta, 2008.
- BÍBLIA SAGRADA. **A Bíblia Sagrada**. Revista e corrigida no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BRITO, Luís de. IDEIAS Nº 13 - Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda. In: BRITO, Luís de; CHIVULELE, Fernanda Massarongo (org.). **Economia, Recursos naturais, pobreza e política em Moçambique: uma coletânea de textos**. Maputo: IESE, 2017. p. 149-164.

BUELL, Lawrence; HEISE, Ursula; THORNER, Karen. Literature and environment. **Annual Review of Environment and Resources**, California, n. 36, p. 417-40, 2011. Disponível em: http://environment.harvard.edu/sites/default/files/Buell_Heise_Thorner_ARER_2011_Lit_and_Envr.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.

CACIQUE SEATTLE. Carta datada de 1854/55. **Anarquista.net**, Belo Horizonte, 19 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.anarquista.net/carta-do-cacique-seattle-escrita-para-o-presidente-em-1855/>. Acesso em 12 fev. 2020.

CANTARIN, Matiassi. **Por uma nova arrumação do mundo**: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosóficos. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2012.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Nilton Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DONDEYNE, Stefaan; NDUNGURU, Editha; CESARIO, F.; JANTAR, P.; NHACA, F.; RAFAEL, P. **Em Busca do Ouro**: Garimpo e Desenvolvimento Sustentável, uma Difícil Conciliação? Manica: Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2007.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. London: Routledge, 2004.

GIFFORD, Terry. A Ecocrítica na mira da crítica atual. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 244-261, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/11049/8065>. Acesso em: 15 dez. 2019.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: literary studies in an age of environmental crisis. *In*: _____; FROMM, Harold. **The Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. London: University of Georgia Press, 1996. p. xv-xxxvii.

GUATTARI, Félix. **As Três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 2001.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **INTERFACEHS**: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, n. 1, p. 1-20, 2008. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. **Postcolonial ecocriticism**: literature, animals, environment. New York: Routledge, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEÃO, Regina. **A floresta e o homem**. São Paulo: Editora da Edusp, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 171-209, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eea/v23n1/a07v23n1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MOSCA, João. Comentários. In: SELEMANE, Tomaz. **Questões à volta da Mineração em Moçambique**: Relatório de Monitoria das Atividades Mineiras em Moma, Moatize, Manica e Sussundenga. Maputo: Centro de Integridade Pública (CIP), 2010. p. 41-50.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caieiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PONTO de Mutação. Direção: Bernt Amadeus Capra. Produção: A. J. Cohen. 1991. (112 min), color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Qi1ccUAG_g. Acesso em 12 fev. 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SCARPELLI, Marli Fantini. Meio ambiente e literatura. **Aletria**, Belo Horizonte, n. 15, p. 188-204, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1396/1494>. Acesso em: 19 dez. 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epistêmicas de refundar el estado. **Tábula rasa**, Bogotá, n. 9, p. 131-152, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a09.pdf>. Acesso em 12 fev. 2020.

